UMA AMAZÔNIA CRISTALIZADA SOB UMA NARRATIVA MIDIÁTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS COMUNICACIONAIS ONLINE

AN AMAZON CRYSTALLIZED UNDER A MEDIA NARRATIVE: A REFLECTION ON ONLINE COMMUNICATION PROCESSES

Rebecca dos Santos Lima[1]

Resumo: Este artigo reflete sobre processos comunicacionais em ambientes virtuais que envolvem a atuação de atores sociais engajados na propalação de discursos hostis e estigmatizados acerca da população da Amazônia; caracterizada, por eles, como "índios". Para esta análise, será abordada a influência que tem a narrativa midiática na produção dessas formas de falar e ver a Amazônia, onde a mídia massiva atua produzindo significados que alimentam o imaginário e cristalizam identidades. A partir, então, de uma perspectiva fenomenológica, baseada em Schutz (2012), buscamos refletir sobre alguns dos efeitos dessas (rel)ações online, que se mostram como atos significativos de expressão e compartilhamento de

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rebecca.limar@gmail.com

sentidos e significados; que explicitam e reforçam a percepção de uma visão hegemônica sobre a Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia. Intersubjetividade. Estigmatização.

Abstract: This article reflects on communication processes in virtual environments that involve the participation of social actors engaged in the promotion of hostile and stigmatized discourses about the population of the Amazon; Characterized by them as “Indians”. For this analysis, the influence of the media narrative on the production of these forms of speaking and seeing the Amazon will be addressed, where the mass media acts producing meanings that feed the imaginary and crystallize identities. From a phenomenological perspective, based on Schutz 2012), we seek to reflect on some of the effects of these online actions, which are shown as significant acts of expression and sharing of meanings and meanings; That explain and reinforce the perception of a hegemonic vision about the Amazon.

Keywords: Amazonia. Intersubjectivity. Stigmatization.

1 Introdução

A Era da Informação constituiu um novo momento histórico, em que a base das relações sociais se estabelece através da informação e da sua capacidade de processamento e de geração de conhecimento. A este fenômeno, Castells (1999) denominou “sociedade em rede”; que teve como marco revolucionário a apropriação da internet. A sociedade em rede também é analisada por Lévy (1999) sob a denominação de “cibercultura”, sendo, então, esse novo espaço de interações propiciado pela realidade virtual. Ao explicar o virtual, a cultura cibernética, onde as pessoas experienciam uma nova relação tempo-espaço, Lévy utiliza a mesma analogia da “rede” para indicar a formação de uma “inteligência coletiva”.

Apesar de as linhas de análise dos autores citados percorrerem caminhos diferentes, utilizando Castells uma abordagem marxista da sociedade capitalista e Lévy, um pensamento antropológico, há um aspecto inegável na interseção dos autores acerca dos estudos das tecnologias da

comunicação: o impacto dessas tecnologias e das relações geradas a partir delas à vida em sociedade.

O avanço na difusão dessas tecnologias de comunicação e informação cria constantemente novos mecanismos de produção, circulação, transmissão e consumo de informação; sendo um exemplo disso as plataformas de redes sociais virtuais. Essas ferramentas representam também mudanças nas formas de organização social, política, representação, conversação e mobilização social.

Os meios já não podem ser mais entendidos como transportadores de sentidos, nem como espaços de interação entre produtores e receptores, mas como marca, modelo, racionalidade produtora e organizadora de sentido (Mata 1999).

Essas mudanças impactam e influenciam o processo de produção de conteúdos; novos comportamentos emergem nos sites redes sociais virtuais, assim como novos atores, que ganham voz e visibilidade nesses espaços. Este artigo abordará as características dessas plataformas virtuais que tornam propícia a atuação desses atores na intensificação dos discursos de ódio e de estigmatização dos povos da Amazônia, construídos intersubjetivamente nas relações sociais e legitimados pelos meios de mídia massiva, influenciando opiniões e comportamentos.

Este artigo pretende discutir esse fenômeno a partir de um caso concreto, ocorrido no dia 21/08/2015, quando o perfil "Nicole Silva", no Facebook, publicou[2] um comentário na fanpage da torcida do time Paysandu, clube paraense, após um jogo ocorrido no dia anterior, entre os times Paysandu e Fluminense, pela copa do Brasil, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Na imagem abaixo, o perfil usa termos e conceitos pejorativos para incitar ódio e violência contra a população paraense, representada, neste caso, pelos jogadores do time do Paysandu; categorizados como "pretos" e "índios".

2. Disponível em: http://www.diarioonline.com.br/esporte/para/noticia-341412-.html. Acesso em: 29/09/2016.



DOL

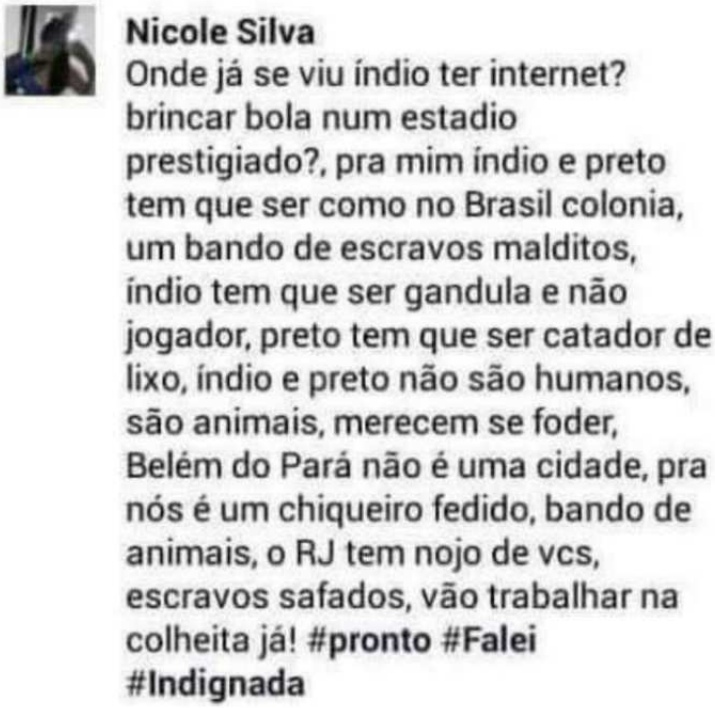
Preconceito de torcida carioca não atinge o Papão

Sexta-Feira, 21/08/2015, 11:45:39 - Atualizado em 21/08/2015, 12:04:04

De acordo com o IBGE, a região Norte é a que concentra o maior número de indivíduos indígenas, 305.873 mil, sendo aproximadamente 37,4% do total, segundo Censo 2010. E há quem pense que os paraenses não se orgulham disso.

Mais uma vez o termo "índio" é usado de forma preconceituosa e racista. Alguns torcedores do Fluminense postaram nas redes sociais frases duvidosas contra o time do Paysandu.

Figura 1: Manchete da notícia que aborda comentários preconceituosos, na internet, de torcedores do time Fluminense contra o time Paysandu.
Fonte: Diário do Pará Online[3]



Nicole Silva
Onde já se viu índio ter internet? brincar bola num estadio prestigiado?, pra mim índio e preto tem que ser como no Brasil colonia, um bando de escravos malditos, índio tem que ser gandula e não jogador, preto tem que ser catador de lixo, índio e preto não são humanos, são animais, merecem se foder, Belém do Pará não é uma cidade, pra nós é um chiqueiro fedido, bando de animais, o RJ tem nojo de vcs, escravos safados, vão trabalhar na colheita já! **#pronto #Falei #Indignada**

Figura 2: Publicação preconceituosa contra a população paraense
Fonte: Diário do Pará Online[4]

3. Disponível em: http://www.diarioonline.com.br/esporte/brasil/noticia-341297-.html. Acesso em: 29/09/2016

4. Disponível em: http://www.diarioonline.com.br/esporte/para/noticia-341412-.html. Acesso em: 29/09/2016

2 Espaço de reestruturação das relações sociais

O ciberespaço, no qual a sociedade contemporânea está imersa, para Lévy, especifica não apenas a estrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informação que ela abriga, assim como os seres que transitam e alimentam esse universo. Neste sentido, estamos passando por um processo não somente de universalização da cibercultura, na medida em que os processos comunicativos e de produção de conhecimento se tornam cada vez mais indissociáveis das ferramentas virtuais, mas também de reestruturação das relações sociais.

A cibercultura especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 17). Segundo o autor, a cibercultura expressa o surgimento de um "novo universal, diferente das formas que vieram antes dele, no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer" (Lévy, 1999, p. 15). Trata-se de um novo "dilúvio", provocado pelos avanços tecnológicos e, em especial, pelas plataformas que propiciam a interação online. A partir desses dispositivos, o homem estabelece uma nova relação com o saber; é no ciberespaço que se amplifica, exterioriza e modifica suas funções cognitivas.

A cibercultura trouxe novos espaços de conhecimento, emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos nos quais cada um ocupa uma posição singular (Lévy, 1999, p.158). Esses novos espaços de conhecimento, comportam, inevitavelmente, o estoque de conhecimento (Schutz, 2012) que nos é inerente socialmente, pois é indissociável de nós enquanto sujeitos sociais. Ele é "construído nas e pelas atividades vivenciadas por nossas consciências" (Schutz, 2012, p. 86), porém é uma região de coisas que são tomadas como dadas, com várias gradações de imprecisão, obscuridade

e ambiguidade. São crenças cegas, suposições rasas, nas quais tudo que fazemos é acreditar.

Esses espaços, então, fecundam todo tipo de comportamentos e de atores, que atuam de modo livre. Raquel Recuero[5] (2015) em entrevista ao Jornal Zero Hora, apontou que os comportamentos de ódio e preconceito são já recorrentes na sociedade, porém não têm nela a mesma visibilidade que alcançam na vida virtual.

3 Sites de redes sociais: características e possibilidades

Inicialmente, considera-se que uma rede social[6] é constitui-se por dois elementos: atores sociais - pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede - e suas conexões - interações ou laços sociais - (Recuero, 2009). Os sites de redes sociais não são as redes sociais em si, são diferentes dessas. Os sites de redes sociais são espaços que comportam as redes sociais e possibilitam que elas tenham expressão na internet (Recuero, 2009).

Esses sites de redes sociais, segundo Boyd e Ellison (2007), propiciam que o ator social tenha a possibilidade de construção uma *persona* através de um perfil ou página pessoal; possa interagir através de comentários; e, também, expor de publicamente a sua rede. Para a criação da "representação do *self*", tendo em consideração os aspectos citados por Boyd & Ellison (2007), o ator social precisa disponibilizar na plataforma informações pessoais como nome, idade, gênero, foto, etc. Contudo, essa definição do perfil nem sempre é verídica, o individuo pode criar um perfil *fake*[7] (falso)

5. Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/o-discurso-de-odio-se-tornou-mais-visivel-diz-pesquisadora-4766057.html. Acesso em: 3/10/2016

6. Essa teoria está relacionada tanto com as redes sociais estabelecidas no mundo off-line, como no mundo virtual.

7. Quando o perfil se refere a uma pessoa que não a do usuário, isto é, o usuário cria uma representação do self, diferente que ele é no mundo off-line. Disponível em: http://goo.gl/r4Pext. Acesso em: 03/10/2016.

e estar protegido pelo anonimato, dessa forma, ele tende a atuar comportamentalmente de forma distinta da empregada na vida offline.

4 Uma Amazônia cristalizada

Este artigo defende a ideia de que os conceitos pré-concebidos, expressos através dos discursos hostis, propagados pelos por esses atores, têm fundamentação no discurso veiculado pela grande mídia acerca do imaginário amazônico; quando a mídia de massa mostra a poulação da Amazônia como *"grupos congelados no tempo-espaço"* (Dutra, 2009, p. 12). Os programas que têm a Amazônia como objeto de reportagens, revelam a visão que o pensamento hegemônico brasileiro mantém da região: permanente redescoberta, espanto, distanciamento, encanto e estranhamento. Um lugar exótico, social e culturalmente não incorporado ao todo nacional. (Dutra, p. 23-24)

A mediação online desse discurso influencia o comportamento, principalmente, de jovens que estão ligados a essas redes de interações; reforçam e reproduzem comportamentos vivenciados na sociedade, explicitando e ampliando a percepção de determinados grupos sociais sobre a Amazônia e sua população; consolidando o comportamento etnocêntrico e a visão hegemônica sobre a Amazônia, como analisou Dutra (2009) quantos aos discursos de programas de televisão sobre a região. O índio e os demais povos tradicionais são abordados apenas como algo exótico, pessoas invisíveis e ineptas para dar racionalidade econômica aos recursos naturais.

Para Pedro Gilberto Gomes (2006), os meios massivos acabam, pautando a conversação social com seu amplo poder de falar às massas, invadindo o espaço privado dos indivíduos, expandindo sua visão e sua opinião sobre os fatos. No conceito de midiatização proposto pelo autor, os meios funcionam na construção do imaginário social, produzindo reflexões e posicionamentos acerca dos acontecimentos.

Com o aumento e visibilidade dos discursos de ódio reproduzidos nas plataformas de sociabilidade online, surge um novo problema social: a intensificação da exposição de estigmas sociais.

5 Estigmação social, violência e ódio

> O termo "estigma" recebeu diversos significados ao longo dos anos, inicialmente foi criado para definir pessoas com sinais corporais, como marcas ou queimaduras, que repercutiam sobre os *status* moral desses indivíduos (Goffman, 2008, *apud* Coimbra, 2014). O autor fala que o termo é utilizado para categorizar pessoas com atributos incomuns para a maioria dos membros de uma determinada sociedade, como por exemplo: deficiência física, cor da pele, sexo, classe social, entre outros. Assim, quando o sujeito não se enquadra em uma determinada categoria da sociedade, ele tem grande probabilidade de ser discriminado. Dessa forma, os ambientes sociais são propícios para categorizar as pessoas que serão encontradas nele e, também, consolidar os estigmas sociais (Coimbra, 2014, p.4).

Compreende-se neste artigo a estigmatização social como forma de violência simbólica, pois está interligada à percepção primária que temos dos indivíduos. De tal forma que, ao impor nossa forma de distinguir o Outro[8] através da linguagem, desconsiderando sua identidade, estamos estigmatizando-o. Porém, sob a interpretação de Schutz, os estigmas sociais são, sobretudo, construídos através de situações biograficamente determinadas.

O mundo social no qual o homem nasce é experienciado por ele como uma rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos com sua estrutura particular de signifi-

8. O termo "Outro" é usado com letra maiúscula para seguir o padrão utilizado por Lebrun (2008), quando se refere a "alteridade".

cados, de formas institucionalizadas de organização social, de *status* e prestígio, etc. O significado de todos esses elementos do mundo social em toda sua diversidade e estratificações é assumido como natural (Schutz, 2012, p. 92).

Eles são naturalizados porque foram testados ao longo do tempo e, sendo socialmente aceitos, dispensam explicações ou justificações. Isso caracteriza a intersubjetividade como cultura, como herança social, como modo de pensar contínuo e naturalizado.

De acordo com Schutz, os sujeitos no mundo social estão determinados por sua biografia; os sujeitos apreendem a realidade de acordo com a posição que ocupam no mundo e neste mesmo lugar se configura um *repertório de conhecimento disponível* que consiste no "armazenamento passivo de experiências" (Schutz, 1993 [1932], p. 107). Graças a essa reserva de conhecimentos, os sujeitos podem compreender novos fenômenos sem que necessitem iniciar um processo reflexivo para ordenar cada uma das experiências novas que encontrem.

Dizer que uma situação é biograficamente determinada é afirmar que ela possui uma história; ela é a sedimentação de todas as experiências prévias do indivíduo (Schutz, 2012, p. 85), dentre as quais há um sistema de relevâncias que, por sua vez, determina quais elementos devem ser transformados em uma espécie de "tipificação generalizadora".

Já o ódio, para Lebrun (2008) está estritamente vinculado à violência; está presente em nosso cotidiano, nos nossos erros, na nossa agressividade, no tom da nossa voz, em nosso desejo de dominar, na maneira pela qual nos dirigimos ao outro. Mas, ele é externado, principalmente, no encontro com o Outro.

Lebrun (2008), também afirma que o ódio é oriundo da opressão, pois a sociedade é responsável por impor normas, instituições e mandamentos para o sujeito, o qual precisa viver de acordo com esses padrões e limites, restringindo suas ações e pensamentos. "A civilização nos impõe sempre um gozo a menos, uma falta, uma restrição e a isso respondemos com ódio" (Lebrun, 2008, p. 9). Essas restrições, entretanto, se diluem no ambiente virtual.

Por último, violência, aqui, baseia-se no conceito definido por Pierre Bourdieu (1989), que conceitua que a violência simbólica estrutura-se por meio dos sistemas simbólicos, portanto, a violência origina-se a partir dos símbolos e da linguagem. Os sistemas simbólicos, por sua vez, possibilitam o *consensus* acerca do sentido do mundo social e contribui para a reprodução da ordem social: "a integração lógica é a condição da integração moral" (Bourdieu, 1989, p.10). Neste sentido, os símbolos agem como instrumentos de integração social (Bourdieu, 1989), pois através da linguagem, os grupos sociais estruturam-se e interagem estabelecendo as normas e os padrões de comportamento de uma determinada sociedade. Nessa abordagem, nota-se que muitos grupos sociais utilizam o sistema simbólico como um instrumento de distinção; o que contribui de forma para o processo de estigmatização social.

No que tange aos discursos reproduzidos de forma hostil e agressiva por determinados grupos, a violência simbólica se manifesta nas plataformas sociodigitais, após serem reproduzidas pelas mídias tradicionais, onde são reabsorvidas; influenciando comportamentos de grupos sociais.

6 Análise

No dia 21/08/2015, um perfil nomeado "Nicole Silva", dentro do site de rede social Facebook publicou um comentário na página ("Campeão dos campeões") da torcida do time Paysandu, clube paraense de futebol, após um jogo ocorrido no dia anterior, entre os times Paysandu e Fluminense, pela Copa do Brasil, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Na imagem abaixo, a responsável pelo perfil, que depois foi caracterizado como falso, tece comentários repletos de termos pejorativos para incitar ódio e violência contra a população paraense, representada neste caso, pelos jogadores do time do Paysandu, categorizados como "pretos" e "índios".

A publicação ganhou grande repercussão, sendo curtida até algumas horas depois por mais de 600 usuários, onde acabou ganhando destaque nacional.

O estudo de caso foi realizado a partir da análise do discurso presente no comentário da publicação de Nicole Silva (na imagem abaixo), responsável pelo perfil.



Nicole Silva
Onde já se viu índio ter internet? brincar bola num estadio prestigiado?, pra mim índio e preto tem que ser como no Brasil colonia, um bando de escravos malditos, índio tem que ser gandula e não jogador, preto tem que ser catador de lixo, índio e preto não são humanos, são animais, merecem se foder, Belém do Pará não é uma cidade, pra nós é um chiqueiro fedido, bando de animais, o RJ tem nojo de vcs, escravos safados, vão trabalhar na colheita já! **#pronto #Falei #Indignada**

Figura 3: Publicação preconceituosa contra a população paraense
Fonte: Diário do Pará Online[9]

Na imagem, "Nicole Silva" se apropria de um perfil no Facebook, para, gratuitamente, propalar um discurso de ódio através desse espaço de interação. Percebe-se que ela reproduz um discurso incorporado intersubjetivamente quando se refere aos paraenses como "índios". Discurso esse fortemente propagado pela grande mídia, como relatou Dutra (2009), sobre uma região distante cultural e socialmente, não incorporada ao todo nacional. A usuária, ao absorver os símbolos contidos no discurso da mídia acerca da realidade na Amazônia, relaciona os povos da Amazônia à época do Brasil colônia e, por sua vez, o reproduz como uma verdade pronta.

9. Disponível em: http://www.diarioonline.com.br/esporte/para/noticia-341412-.html. Acesso em: 29/09/2016

O sistema de conhecimento então adquirido, do qual tratou Schutz – incoerente, inconsistente e apenas parcialmente claro – assume para os membros do grupo a aparência de suficiente coerência, clareza e consistência. “Nicole Silva” aceita e reproduz os padrões culturais que lhe são transmitidos inteiramente prontos, como um guia não questionável para todas as situações que normalmente ocorrem na vida social. O conhecimento vinculado a um padrão ancestral carrega em si mesmo sua evidência – ou melhor, é tido como certo na ausência de uma evidência em contrário (Schutz, 2012, p.93). A partir daí se intensificam e se replicam os estigmas sociais, sendo, então, produtos genuínos da intersubjetividade.Portanto, a intersubjetividade requer uma interação e em toda situação de interação se produz um contato intersubjetivo (Garcia, 2009).

Segundo Schutz, qualquer forma de interação tem sua origem nas construções da compreensão do outro, de modo que qualquer interação entre sujeitos pressupõe uma série de construções de sentido comum.

Relacionando a teoria de Bourdieu (1989) ao comportamento de Nicole, entende-se que através da linguagem, ela intenciona influenciar o comportamento coletivo nos espaços de conversação online, isto é, tenta se tornar influente e dominante através do tom do seu discurso, a partir da exposição de atributos pejorativos e da estigmatização da vítima para rede.

Barabási (2009, p. 9), explica que “pequenos eventos (causas) podem proporcionar grandes consequências (efeitos) e vice-versa”. Portanto, no ambiente online, pequenas ações têm a possibilidade de gerar grandes danos para rede. Assim, quando um sujeito expõe virtualmente um discurso que contenha ódio e violência simbólica como o exemplo em análise, essa ação pode trazer grandes efeitos para os indivíduos conectados a sistema, ou seja, esse sujeito pode incentivar outros que compartilham do mesmo *consensus* sobre a população da Amazônia ser caracterizada como “índios” e “pretos”, a expor de forma pública seus pensamentos de distinção através da linguagem. Além de também contribuir para a integração de grupos contra o movimento, através do

estabelecimento de laços e relações sociais entre esses indivíduos que compartilham dos mesmos interesses.

> A criação do consenso em torno dos significados da realidade social é resultado das interações que participam os sujeitos, de modo que o mundo da cotidianidade só é possível se existe um universo simbólico de sentidos compartilhados, construídos socialmente e que permitem a interação entre subjetividades diferentes." (García, 2009, p. 29)

A proposta sociofenomenológica põe ênfase na interpretação dos significados do mundo e as ações de interações dos sujeitos sociais e não tanto nos sistemas funcionais que se dão na vida em sociedade. A sociologia fenomenológica nos serve fundamentalmente para explorar o que conhecemos como comunicação interpessoal. Do mundo conhecido e das experiências compartilhadas pelos sujeitos, se obtém os sinais e as indicações para interpretar a diversidade de símbolos. Isso aponta para as bases da sociologia fenomenológica, da qual falou Schutz, e o espaço conceitual da comunicação: os sujeitos compartilham experiências, interagem e se comunicam, e como produto dessas situações de interação, obtém os sinais necessários para compreender a realidade (Garcia, 2009, p.26).

Schutz compreendeu a fenomenologia como uma instância de aproximação ao cotidiano e definiu a realidade como um mundo em que os fenômenos estão dados, sem importar se são reais, ideais ou imaginários.

Ao publicar em uma página no Facebook, o usuário tem a possibilidade de atingir um número ilimitado de pessoas, devido às características da plataforma e, assim, obter capitais sociais como visibilidade, popularidade, reputação, autoridade e influência.

> Segundo Recuero (2009), a reputação está diretamente ligada ao "quem somos", "o que pensamos", e "como nos comportamos" em rede, enquanto a visibilidade é a capacidade de se fazer

> "visto" em uma rede social. A popularidade está relacionada à audiência, isto é, a quantidade de comentários que um site possui, ou a quantidade de visitas em uma página na internet, a quantidades de acesso ou compartilhamento de links de um determinado site, etc. A autoridade, por sua vez, está relacionada ao poder de influência que um nó tem sobre a rede. Isso compreende, também, a reputação, porém não se resume a ela, ou seja, a autoridade seria a capacidade de gerar conversação na rede a partir do que diz. Isso tudo se traduz em capital social (Coimbra, 2014, p. 18).

7 Considerações finais

A mediação online de um discurso discriminatório influencia o comportamento daqueles que estão ligados a essas redes de interações; reforçam e reproduzem comportamentos vivenciados na sociedade, explicitando e ampliando a percepção de determinados grupos sociais sobre a Amazônia e sua população; o que, muitas vezes, consolida um comportamento etnocêntrico e o discurso homogêneo e hegemônico sobre a Amazônia. O discurso contido no caso analisado evidencia a forma como determinados grupos sociais concebem a Amazônia e seus povos. O índio e demais populações tradicionais são abordados como algo exótico, pessoas invisíveis e ineptas para dar racionalidade econômica aos recursos naturais e, tampouco, aptos a ganhar relevante destaque fora de sua geolocalização.

As plataformas sociodigitais geraram grandes mudanças na forma de sociabilidade entre os indivíduos e, com isso, a recorrência de discursos de ódio e de violência simbólica tende a ser intensificada nesse ambiente, como Raquel Recuero mencionou, em entrevista; já que as barreiras de interação social entre os atores estão reduzidas nessas plataformas.

Portanto, as redes sociais online também são sistemas simbólicos, dentro da perspectiva de Bourdieu, pois elas possibilitam que a ator se expresse na rede através dos símbolos e signos da linguagem e, consequentemente, poderá existir violência simbólica e ódio, que é o resultado da ação analizada. Já que as plataformas de sociabilidade online são constituídas por atores sociais e suas conexões, nelas os sujeitos estão em constante encontro com a alteridade (o Outro).

Percebeu-se também que, através da linguagem, os atores digitais tentam influenciar de forma individual (porém também articulada, quando um apoia o outro) o comportamento coletivo nos espaços de conversação de sites redes sociais. Outro motivo para se criar perfis para essa finalidade é o de se estruturarem e estabelecerem novas conexões com atores sociais que simpatizam com suas ideologias. Dessa forma, quanto mais conexões, maior é chance de se tornarem influentes para rede.

Além disso, a publicação analisada possuía até a manhã do dia seguinte ao fato, mais de 640 curtidas e 350 compartilhamentos. Esse número pode ser considerado pequeno em relação à dimensão das redes presentes no ambiente (página da torcida do time no Facebook), entretanto, no contexto da violência simbólica se torna relevante, pois significa que mais de seis centenas de pessoas concordam ou apoiam esse tipo de violência e estigmatização da população da Amazônia.

Também é importante observar como os perfis são constituídos nessas redes (Boyd & Ellison, 2007), pois nos sites de redes sociais, o ator pode construir uma representação de si falsa (*fake*), como citado anteriormente, e dessa forma ficar protegido pelo anonimato, assim podendo reproduzir com mais facilidade discursos que incitem a violência e o ódio sem ser "punido"[10] e, consequentemente, expor e reforçar os estigmas sociais. Também se abordou o que esse

10. O termo "punido" foi utilizado entre aspas, pois a legislação para crimes virtuais no Brasil ainda é limitada. E a postura adotada pelos sites de redes sociais contra os usuários que infringem os termos de uso (normas de conduta) do sistema, é a simples expulsão; chamada de banimento.

sujeito social ganha incitando ódio e violência nos sites de redes sociais. A resposta é capital social[11], como visibilidade, popularidade, reputação e influência. Esses são alguns dos fatores que contribuem para o surgimento de atores cada vez mais engajados em propalar discursos hostis e discriminatórios nesse ambiente e para suas assíduas atuações.

Nota-se no caso analisado também a absorção da imagem que a mídia de massa transmite: da população amazônica como *"grupos congelados no tempo-espaço"* que Dutra (2009) abordou. Os programas televisivos que têm a Amazônia como objeto de reportagens, revelam a visão que o pensamento hegemônico brasileiro mantém da região, de distanciamento, estranhamento; um lugar social e culturalmente não incorporado ao todo nacional (Dutra, 2009). E no caso analisado, percebemos o quanto se absorvem, se fixam e se reproduzem essas noções estereotipadas que dão substância à fabricação de diversificados modos de falar sobre a Amazônia.

Essa Amazônia estereotipada, inalterada desde a colonização, é a imagem que tem quem a desconhece. Quando o Manuel Dutra (2009) disse que "na atualidade, o imaginário alimenta o discurso da mídia", talvez possa-se dizer que, da mesma forma, a mídia alimenta o discurso do imaginário. E atores nos espaços virtuais o reproduzem.

Dito tudo isso, se pode afirmar que a comunicação, desde o enfoque sociofenomenológico, é intersubjetividade, é relação de sujeitos que se assumem similares a seus interlocutores, é ato significativo de expressão de sentidos sobre o mundo da vida cotidiana, é fluxo de consciência entre semelhantes, é ação de compartilhar sentidos, é cenário comum de significados, segundo Marta García (2009).

De acordo com a autora, se compreendermos o sujeito como um ator social em permanente interação com os *outros,* não se pode ignorar a importância da comunicação midiática na construção de sentidos e significados. Portanto, produzi-

11. Conjunto de valores que uma rede social possui, e podem ser usufruídos por todos os atores sociais dessa rede, de forma individual ou coletiva. Ele é baseado na relação de troca e na reciprocidade, estabelecida através das relações sociais (Recuero, 2009).

mos informação, conhecimento e significado não somente pelo que experimentamos diretamente por meio da experiência empírica cotidiana, mas também através das mensagens que os meios midiáticos constroem e difundem.

A partir do esquema da semiose da midiatização, proposta por Verón (1997), onde a mídia ocupa espaço central nas relações entre os campos sociais e os indivíduos; é ela quem promove conexões e, por meio de suas operações, acaba afetando a maneira como os campos e seus sujeitos relacionam-se.

Como se observou, os sujeitos interagem e estabelecem relações intersubjetivas, que requerem um acervo de conhecimento, de um repertorio de conhecimento disponível, que provém não somente das interações cotidianas com outros, mas também da exposição dos atores às mensagens propagadas pelos meios de comunicação massiva.

Referências

BOURDIEU, P. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. 2007. Social Network Sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>.

CASTELLS, Manuel. 1999. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra. v. 1.

COIMBRA, Michele Paschoal. 2014. O discurso do ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso #eunãomereçoserestuprada. In: VIII Simpósio Nacional da ABCiber, *Anais...* **São Leopoldo, 2014.**

DUTRA, Manuel Sena. 2009 *A natureza na mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta.* São Paulo: Annablume.

GARCÍA, Marta Rizo. 2009. Sociología fenomenológica y sus aportes a la comunicación interpersonal y mediática. *Fronteiras – estudos midiáticos*, **vol. 11**, n. 1, p. 25-32.

GOFFMANN, E. 2008 *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* 4 Ed. Rio de Janeiro: LTC.

GOMES, Pedro Gilberto. 2006. *A filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade.* São Leopoldo: Unisinos.

LEBRUN, J. P. 2008. *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC.

LÉVY, P. 1999. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

MATA, Maria Cristina. 1999. *De la cultura masiva a la cultura midiática. Diálogos de la comunicación*, Lima: Felafacs, n.56.

RECUERO, R. 2009. *Redes Sociais na Internet.* Porto Alegre: Sulina.

_____. 2009. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando. (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.* Santa Cruz do Sul: UNISC, v., p. 1-269.

SCHUTZ, A. 1993 [1932]. *La construcción significativa del mundo social: introdución a la sociologia compreensiva.* Barcelona, Paidós, 304 p.

_____. 2012. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes.

VERÓN, Eliseo. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. In: *Revista Diálogos de la Comunicación,* n.48, Lima: Felafacs.

I Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Grupo de Trabalho

Imagens: memória & imaginário